

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Alexander Kluge: Por Um Cinema Impuro  
17 de Julho de 2021

## DIE ARTISTEN IN DER ZIRKUSKUPPEL: RATLOS / 1968 “Os Artistas sob a Cúpula de Circo: Perplexos”

*um filme de ALEXANDER KLUGE*

**Realização e Argumento:** Alexander Kluge / **Fotografia:** Guenter Hoermann, Thomas Mauch / **Montagem:** Beate Mainka-Jellinghaus / **Som:** Bernd Höltz / **Locução:** Alexandra Kluge, Hannelore Hoger, Herr Hollenbeck / **Interpretação:** Hannelore Hoger (Leni Peickert), Siegfried Graue (Manfred Peickert), Alfred Edel (Dr. Busch), Bernd Höltz (Herr von Lueptow), Eva Oertel (Gitti Bornemann), Kurt Jürgens (Mackensen), Wanda Bronska-Pampuch (Frau Saizewa), Maximiliane Mainka, Ingeborg Pressler (palhaços), Herr Jobs, Hans-Ludger Schneider, Klaus Schwarzkopf, Nils von der Heyde, Marie Luise Dutoit, Peter Staimmer, Theodor Hoffa, Joe Willkins, Tilde Trommler.

**Produção:** Alexander Kluge, Kairos-Film / **Cópia:** da DCTP, em DCP (original em 35mm), preto e branco e cor, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 104 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** Setembro de 1968, Festival de Cinema de Veneza / **Estreia Mundial:** 29 de Outubro de 1968, Alemanha de Leste / Primeira exibição na Cinemateca.

---

*“Eles chegaram ao topo, mas não sabem o que fazer a seguir.  
O trabalho árduo não tem qualquer sentido em si mesmo.”*

*“A morte é a negação do tempo e o desejo ambiciona a eternidade”*

*“Para ganhar é preciso arriscar a vida”*

dos diálogos do filme

É com alguma desorientação que recebemos ainda hoje um filme como **Os Artistas sob a Cúpula de Circo: Perplexos**, o que se percebe pelos seus primeiros minutos, na sua sucessão de elementos tão dissonantes. Segunda longa-metragem de Alexander Kluge, galardoada com o Leão de Ouro em Veneza em 1968 (**Abschied von Gestern** tinha conquistado o Leão de Prata em 1966), continua a ser visto como um dos filmes cruciais do realizador pelo modo como usa o circo como metáfora, numa narrativa complexa desenvolvida segundo um espírito brechtiano. Rodado em 1968 em pleno apogeu do movimento estudantil, o próprio realizador interpretará o filme como “uma análise do protesto estudantil de 1968. O circo como meio é uma metáfora do conflito entre a interpretação filosófica da teoria crítica (“Os irmãos Marx de Frankfurt”) e a revolta estudantil”. Mas esta é apenas uma vertente de um filme com um sentido muito aberto, que se revela simultaneamente como uma crítica ao capitalismo, como uma alegoria do impasse da arte entre o Terceiro Reich e o já referido movimento estudantil, ou como expressão dos confrontos entre ideias de reforma ou de revolução e uma visão crítica da ascensão de um meio como a televisão.

Tudo isto poderá ser deduzido de uma acumulação de modos de narração, de personagens, de imagens, e de situações que se sucedem ao longo de **Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos**, qualquer que seja o seu papel numa “história” sem hierarquias. Tanta importância poderá ter a história do pai de Peickert, como terá a de Gitti, cujo pai teria criado um instituto

de investigação científica socialista em Frankfurt e haveria transferido o seu capital para os Estados Unidos em 1932. Concluindo-se no filme como em Frankfurt haveria “muitas oportunidades para empreendedores, nenhuma para socialistas.” (e menos ainda para os seus filhos). A teoria crítica da Escola de Frankfurt, de que Kluge era muito próximo na altura, é assim aqui posta a prova, neste que é o segundo grande filme do realizador. Mas se o circo é o centro deste filme que nos cabe “decifrar” por entre as suas séries heterogéneas de imagens e sons, o circo é também uma metáfora que atravessará toda a obra do cineasta, e que é retomada de tempos a tempos, assim como as figuras dos “palhaços”, “elefantes”, e do “trapézio”, que aqui têm já um lugar importante. Reencontramo-lo por exemplo na curta-metragem “**The Circus Enters the Town**”, várias vezes reciclada por Kluge em filmes e programas diferentes (figura por exemplo no muito recente **Happy Lamento** (2018), um tríptico em que se critica abertamente a grande arena da política norte-americana e da política em geral.

Herdando a companhia do seu pai, Leni Peickert procura elevar a performance artística ao seu apogeu, envolvendo-se num projeto de reforma do circo, que acabará na bancarrota (são poderosas as imagens dos animais a serem confiscados pelos credores) voltando então as suas atenções para a televisão e alargando a “arena” do circo. Imbuída de uma vontade de mudar o mundo, Leni Peickert é mais uma personagem feminina forte, que acompanhará Kluge em vários dos seus filmes, de **A Indomável Leni Peickert** a **Alemanha no Outono**. Peickert é Hannelore Hoyer, uma das atrizes de eleição do cineasta, que com ele trabalhará tanto nos seus filmes, como nas produções que anos mais tarde realizará para televisão. Narrado a várias vozes, **Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos** representa um nível superior de complexidade face a **Abschied von Gestern**, tendo em conta o seu maior estilhecimento narrativo, material, e mesmo conceptual. À multiplicação de personagens e de vozes (a locução cabe aqui a Alexandra Kluge, Hannelore Hoyer, Herr Hollenbeck), soma-se a multiplicação de sons e de imagens diversas – os intertítulos e as frases que pontuam o filme; as imagens oficiais de tropas nazis ao som de uma versão espanhola de *Yesterday*, dos Beatles; imagens aceleradas, episódios entrecortados abruptamente, um grande contraste entre o uso da cor e do preto e branco.

Parábola sobre as grandes divisões desses anos de 1967 e 1968, **Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos** é também uma premonição do percurso do próprio Alexander Kluge, grande crítico dos meios de comunicação de massa que, em meados dos anos oitenta, abandona o cinema (e em concreto um “cinema de autor”) para se dedicar inteiramente à televisão. Utopia que se prefigura nas imagens do final, em que Kluge nos coloca perante um professor de latim que reconta a história de uma ópera de Verdi para a televisão.

Como tão bem escreveu Pasolini sobre **Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos**, aludindo à sua permanente acumulação de fragmentos (os mesmos fragmentos que Alexander Kluge descreveu na recente conversa na abertura desta retrospectiva como sendo constitutivos da ordem (ou da desordem) do próprio mundo): “Mas qual é o propósito dessa sucessão delirante, dessa fúria de listar pequenas 'ações' que se igualam em substância? É muito simples: trata-se de fazer explodir novamente a violência original programada e, portanto, banalizada por um mundo onde tudo é violência e que portanto, por falta de contrastes internos, é inofensivo.”

Joana Ascensão